

Potências disruptivas da aparência: quatro ou cinco inquietações e algumas pistas de investigação

Cristiane Mesquita¹

Resumo

Síntese dos percursos da pesquisa *Roupa-território de existência* e breve investigação sobre as potências da composição da aparência. Considerações e apontamentos para possíveis articulações da invenção da aparência como ato de criação com reverberações múltiplas, distanciadas dos discursos impositivos da auto-expressão e da livre intervenção no corpo e carregada de potências disruptivas.

Cartografia

Na pesquisa de doutorado *Roupa-território de existência* tenho feito movimentos no sentido de cartografar modos de funcionamento da moda contemporânea. Nesse percurso, elegi a “liquidação do estilo” como um dos principais operadores na configuração deste mapa. Com a intenção de investigar e explicitar políticas de comercialização de estilos de vida que capturam, invertem e prendem acirradamente esta palavra – originalmente ligada aos modos de expressão – nos campos do marketing e do comércio de *lifestyle*, esta idéia tem sido traçada em duplo sentido: como venda a preço baixo e como extinção. As variáveis que se propõem a emoldurar modos de existência, são vendidas “a preço de banana”, “em dez vezes sem aumento” ou ainda “com bônus na troca”. E prometem constituir “mínimos eus”, definidos pelas mercadorias ligadas a diversos setores do consumo. Tais identidades delineadas por produtos consumíveis, ao mesmo tempo que devem cumprir a função de expressão subjetiva, também são obsoletas por definição. Expressam um tempo no qual a composição da “ditadura do estilo”² com o “império do efêmero” demarca algumas das principais políticas de composição da aparência.

1 Cristiane Mesquita atua como pesquisadora, professora, jornalista e consultora de projetos criativos e acadêmicos. É doutoranda em Psicologia pelo Núcleo de Subjetividades Contemporâneas - PUC-SP. É autora do livro *Moda contemporânea: quatro ou cinco conexões possíveis* (Editora Anhembi Morumbi, SP, 2004). Assina pesquisa, roteiro e direção dos documentários *Jardelina da Silva: eu mesma* (Diphusa, DVD, 2006) e *Mas isto é moda?* (PaleoTV, DVD, 2005). Coordena a pós-graduação em *Criação de imagem e styling de moda* na Faculdade SENAC de Moda/SP e leciona junto à instituições como a Universidade Anhembi Morumbi/SP, Faculdade Santa Marcelina/SP, Faculdade SENAC de Moda/SP, IBModa/SP e UEL/PR.

2 “A liquidação do estilo ou o luxo de gaguejar na própria língua” (CASTILHO, Kathia e VILLAÇA, Nízia (organizadoras). O novo luxo. Editora Anhembi Morumbi, 2006, São Paulo) é um texto no qual insinuo algumas possibilidades para pensar esses modos de funcionamento. Posteriormente, este trabalho foi também apresentado no Seminário Corpo e

Num segundo momento, o que possibilitou algum avanço na cartografia proposta foi o conceito de “cultura somática”³. É num contexto no qual coexistem uma sensibilidade exacerbada para a aparência e um encantamento pelo corpo, é num ambiente favorável ao desejo de uma vida física como outrora se desejou paz espiritual, honra cívica ou prazer sentimental, que o comércio de identidades-estilos-*prêt-à-porter* se consolida. O cuidado de si e da aparência se apresentam não apenas como exercícios de autonomia, mas também como práticas de assujeitamento aos poderes ditatoriais do império do corpo e do estilo: são considerado fracos, incompetentes, analfabetos de si, aqueles que não investem e não controlam a própria aparência.⁴

Paralelamente a estes percursos, venho delineando latitudes e longitudes da própria idéia de território⁵. Na configuração dos modos de funcionamento da moda contemporânea, brevemente expostos anteriormente, pensar em “território” necessita um certo afastamento dos modos de existência fixos e falsificados - os estilos propostos pelo mercado - e uma imersão em instabilidades constantemente sujeitas às desterritorializações, às linhas de fuga e aos devires. E tem sido o “corpo de Jardelina da Silva”⁶ a principal ferramenta conceitual para se pensar “estilo”. Ela faz vibrar o modo como os filósofos Friedrich Nietzsche e Gilles Deleuze nos convocam a pensar um certo “estilo-sem-estilo”, como mundos em constante por vir⁷.

A maneira como Jardelina processa incessantemente sua aparência e seu espaço, sua produção em fluxo infinito e sua invenção de si em constante devir convocam também um diálogo com o psicanalista Felix Guattari. O autor propõe processos de singularização plenos de potências expressivas e produtivos escapes que ressaltem uma dimensão criadora e transformadora da existência.

subjetividade: estudos contemporâneos (Centro Universitário Senac. São Paulo - 22 a 23 de setembro de 2005), sem publicação, até o momento.

3 É o psicanalista Jurandir Freire Costa (COSTA, Jurandir Freire. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Garamond, Rio de Janeiro, 2004) quem propõe os conceitos de cultura somática e personalidade somática, bastante pertinentes para investigações sobre modos de operação dos poderes que se constituem nas relações eu-estilo, localizadas em várias esferas da subjetividade, mas em especial, no território corporal.

4 Esta fase de pesquisa foi apresentada no evento *Metáforas da moda* (USP/SP – maio/2006) no painel “Raízes culturais da moda e da identidade”, com o título “Notas sobre o império do estilo, a cultura somática e o comércio de identidades”. Sem publicação até o momento.

5 O filósofo Gilles Deleuze e o psicanalista Félix Guattari propõem o conceito de “território existencial” em diversos momentos de seus trabalhos, especialmente em *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. vol 4. Conversações e Diálogos* são outros livros de Deleuze nos quais o “território” também se encontra explorado, rentes direções.

6 O texto *O estilo Jardelina*, apresentado e publicado nos Anais do 1º Colóquio Nacional de Moda (Centro Universitário Moura Lacerda. Ribeirão Preto – SP – 14 a 16 de setembro de 2005) assim como o artigo *Roupa-território de existência* (in *Fashion Theory - a revista da moda, corpo e cultura*. Edição Brasileira. Número 2, junho/2002. Berg/Editora Anhembi Morumbi. São Paulo, 2002) esclarecem mais sobre a personagem central desta pesquisa.

7 DELEUZE (1997: 128).

Seriam rompimentos individuais ou coletivos com modelos hegemônicos, entradas e invasões de componentes heterogêneos, surgimento de pontos inesperados de bifurcação, multiplicação, invenção que poderiam ser pensados na dimensão da aparência: “[pontos que] fazem com que, de um só golpe, um micro-acontecimento abra novos campos de possível.” (GUATTARI.1992:88).

Nesta mesma linha de pensamento, o que proponho neste momento pode ser visto como um certo deslocamento daquilo que Jardelina da Silva me auxilia a tornar visível nesta pesquisa - a dimensão da aparência como reverberação de potência expressiva, como ação disruptiva, produtora e multiplicadora de sentidos – para outros possíveis significantes. Este é o caminho que segue esta escrita que, por hora, se limitará a apontar e ressaltar este viés e insinuar possibilidades de investigação.

Inquietações

A subjetividade contemporânea tem seus modos de existência entremeados por aquilo que Deleuze chama de sociedade de controle: “funcionam não mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea” (1992:216). O que ocorre na sociedade de controle é que há uma permeabilidade e, conseqüentemente, um mix entre delimitações que agora tem suas fronteiras mais fluidas, movediças e maleáveis. Disciplina e liberdade, assim como o "dentro" e o "fora" das ordens instituídas se cruzam numa trama realmente complexa, como se, ao não fixar limites, as redes de poder se engendrassem ainda mais por sobre as liberdades. Ao definir a moda com a imagem de um “policia à paisana”⁸, ao pensar a moda contextualizada na sociedade de controle, torna-se necessário reencontrar seus escapes para assegurar movimentos de criação, sopros de resistência, rompimentos - fugazes que sejam – que garantam o frescor necessário à preservação das potências deste campo.

Tal reflexão - dirigida em última instância para a questão da criação - me parece pertinente no sentido de convocar o campo da moda para além do comércio de produtos e da venda de ilusões de liberdade na constituição de si: como ação na vida, como possibilidade de intervenção e invenção da vida privada e pública. E ainda, para que se mantenham vivas ações e reflexões sobre este fértil terreno para a compreensão da subjetividade contemporânea.

Nesse sentido, mais uma vez ressalto que o trago aqui são inquietas interrogações – quatro ou cinco – sobre as potências disruptivas da aparência. Algumas delas são pautadas na perspectiva de se pensar a moda como campo de exercício de forças ativas da subjetividade, como aliada na resistência aos

⁸ O segundo capítulo (Moda movediça) da dissertação “Incômoda moda: uma escrita sobre roupas e corpos instáveis” explora melhor esta idéia.

poderes homogeneizantes, anestésicos e calmantes dos corpos – assim como os estilos falsificados, as imagens de marca e as identidades comercializadas como *prozacs*-vestíveis. Tais questões me acompanham desde percursos anteriores e agora parecem reivindicar mais atenção. Vale retomá-las aqui:

- Como fazer valer as potências de fabulação, poetização e invenção da aparência?
- Como aproveitar a cultura somática e os privilégios da dimensão da aparência na sociedade contemporânea, justamente para ressaltar dimensões políticas e públicas do corpo?
- Qual é o papel da moda, de suas engrenagens, de seus personagens e produtos nessas tramas? Quem/o que promove “pontos de bifurcação” neste campo?
- Como criar dispositivos que ativem as potências disruptivas da aparência?

Deleuze chama atenção para a diferença entre trair e trapacear. Aquele que trapaceia, quer no fundo, assumir um lugar posto, o lugar anterior. Quer se apropriar de um terreno com a mesma fixidez, rigidez e ordem. O traidor não. Ele quer experimentar. Deseja um lugar outro, lugar nenhum, lugar entre. Quem seriam os traidores do império do efêmero e do estilo? Mais uma inquietação suspensa, em pleno estado investigativo, por hora sem resposta. Apontarei apenas pistas, que ainda serão melhor percorridas, no sentido de delinear perspectivas para outras linhas de latitude e longitude nesta cartografia.

Pistas

Primeira pista: compreender que, neste trabalho, a aparência está sendo investigada enquanto potência estética e “elemento funcional”. Guattari e Rolnik jogam luz sobre a expressão: “considero a poesia como um dos componentes mais importantes da existência humana, não tanto como valor, mas como elemento funcional. Deveríamos receitar poesia como se receitam vitaminas. ‘Atenção, cara, na tua idade, se você não tomar poesia, não vai ter jeito...’. (...) É um pouco em função disso que conduzo minhas estratégias. O que fazer, em tal contexto, com tal pessoa ou com tal grupo, para que se tenha uma relação tão criadora quanto possível com a situação que se está vivendo – como um músico com sua música ou um pintor com sua pintura?” (1986:223).

Outras pistas: encontrar imagens e ações que fujam, que traiam linhas fixas e ordens estabelecidas, que lutem contra a retenção de velocidades e movimentos desviantes. Linhas de fuga se produzem e são produzidas em resistências que escapam às categorizações. Elas são ativas e produzem mundos. Não um “mundinho diferente”, mas reproduzidor dos moldes do mundo-modelo. Mas um mundo outro. Algo capaz de inventar um “em torno” transformador de si próprio e dos outros, algo que suscite e explicita a dimensão criadora da vida.

Nomes? Marcas? Anônimos criadores de *street style*? Subculturas? Imagens? Desfiles? Que dispositivos - e que verbos conjugados por eles, possíveis de serem atualizados de diferentes formas para diferentes situações e propostas – são capazes de gerar agitações disruptivas, dimensões transversais, diagonais complicadoras?

Desfilar, por exemplo. Um desfile nem sempre é uma edição compacta de looks corretos para a próxima estação em idas e vindas, de lá para cá, de cá para lá, numa passarela linear. Por vezes, o verbo desfilar se abre e se multiplica. Se atualiza de forma a inventar um mundo com um desfile de moda⁹, produzindo acontecimentos que se configuram como a instauração de espaços-tempos singulares. Reverberam muito além da divulgação de tendências produzindo sensações nem sempre confortáveis, mas estimulantes de reflexões e, muitas vezes, ressonâncias para muito além do universo da moda: ações na vida coletiva.

Última pista: atentar para expressões estéticas, não importa a origem, que explicitem e potencializem a aparência como meio de expressão e enunciação. Esse é o caso de Steven Cohen, artista plástico sul-africano. Ele relata¹⁰ que começou a trabalhar com o corpo depois de dez anos criando objetos: “depois de passar três meses numa cama de hospital, de ver minha pele ficar amarela e meu pinto ficar preto, pensei que isso tudo era muito mais interessante do que uma tela.” Desde então, seu corpo re-significa e se oferece à re-significação em composições que privilegiam figurinos e maquiagem.

"Chandelier", é uma de suas performances, originalmente realizada num bairro pobre de Joanesburgo bem semelhante às favelas brasileiras. Vestido com corselet, meias finas rendadas, sapatos altíssimos e paramentado com luzes e cristais, o artista se fez lustre humano e esteve por lá justamente no crepúsculo do dia da desapropriação da área, que começou com a expulsão e remoção dos moradores. A presença do performer, tão belamente díspar da realidade daquelas pessoas, tão fortemente descontextualizada daquela pobreza, não poderia ser mais desconcertante para o espectador. Anoitece. E a potência estética de um lindo homem iluminado, brilhantemente desequilibrado sobre saltos, é imensamente mais forte do que os possíveis panfletos de organizações contra a evacuação da área prováveis numa situação como essa.

9 Nesse sentido, é interessante se remeter, aos desfiles e criadores chamados “conceituais”. Sem intenção de responder perguntas, os profissionais que trabalham nessa linha, subvertem receitas de apresentação, desvirtuam espaços, se apropriam de linguagens diversas e escapam dos clichês. Esculpem os corpos e criam mais do que roupas: inventam paisagens e mundos.

10 Steven Cohen esteve no Brasil em novembro de 2005, apresentando a performance Chandelier, entre outros trabalhos, e participou de conversa com a jornalista Juliana Monachesi.

http://www.erikapalomino.com.br/musica/oquerolou/index.php?mu_event_id=514 (acesso em 28/08/2006).

Sua caminhada, cheia de movimentos insensatos, se compõe com o estado das coisas. A queda cuidadosamente evitada, parece ali certa e inevitável. O passo em falso é ameaçado repetidamente. A desestabilização da realidade com a chegada de “Chandelier” é de uma incrível força. Enquanto um lustre luxuoso envolve um homem, pessoas tentam embalar seus móveis precários. Enquanto Cohen baila lentamente, os ex-habitantes-agora-sem-teto falam entre si: gritos, sussurros, tentativas de decisão sobre um futuro incerto. Os saltos de Steven Cohen balançam. Altíssimos, são o chão que foge. Ainda que, ao mesmo tempo, a morada que agora falta. Travestidas de glamour, luzes e pedraria são pura fragilidade. O corselet aperta. Aquelas pessoas respiram incerteza e não sabem para onde vão.

Seguindo uma lógica de re-significação do humano pela indumentária e maquiagem – sobre seu corpo ou sobre os corpos de seus parceiros de trabalho – Cohen consegue efeitos absolutamente eficientes. A bela cena certamente não resolveu o problema de moradia daquela comunidade, mas convocou sensações que as retiraram de seu destino (in)certo por alguns minutos. Um quê de sagrado, um toque libidinoso, um convite ao delírio e ao deleite, inscrevem um incrível poder de tornar ainda mais patética a ação autoritária do despejo.

Dos aparatos que o artista cria para compor sua aparência, os sapatos assumem lugar de especial atenção. Os saltos ampliados ou reinventados – em forma de chifres de unicórnio ou patas de animais e de aves – desestabilizam quaisquer certezas. Perder o contato com o chão - o chão-dominante, preconceituoso, autoritário, colonizador, explorador e injusto – é idéia central no trabalho do artista. Idéia esta, capaz de provocar e enfatizar o desconforto da situação, naqueles que assistem ao vídeo, num outro tempo e espaço. A exibição do material em diversas exposições e diferentes cidades do mundo, certamente produz a ampliação de questões sobre o viver. Viver como? Viver onde? Deixar viver?

Também em outros trabalhos de Cohen, assim como os vídeos "Broken Bird" e "Maid in South Africa", a dimensão dos saltos inventada por ele se mantém transversal: saltos não são puro fetiche, poder ou glamour, assim como a moda não se cansa de repetir, a cada estação, publicidade ou vitrine. São tudo isso também, mas vão muito além e fazem fugir o sentido, ao sustentar figuras que ativam a alteração da realidade e a suspensão das linhas simbólicas previsíveis.

Bibliografia

- BOLLON, Patrice. *A Moral da Máscara: Marveilleux, Zazous, Dândis, Punks, etc..* Trad: Ana Maria Scherer. Rocco, Rio de Janeiro, 1993.
- CASTILHO, Kathia e VILLAÇA, Nízia (organizadoras). *O novo luxo*. Editora Anhembi Morumbi, São Paulo, 2006.

- COSTA, Jurandir Freire. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Garamond, Rio de Janeiro, 2004.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações, 1972 - 1990*. Trad: Peter Pál Pelbart. Editora 34, São Paulo, 1992.
- _____ . *Crítica e clínica*. Trad: Peter Pál Pelbart. Editora Brasiliense, São Paulo, 1997.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. vol 4. Trad: Suely Rolnik. Editora 34, Rio de Janeiro, 1995.
- DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad: Eloisa Araújo Ribeiro. Editora Escuta, São Paulo, 1998.
- DUNGGAN, Ginger Gregg. *Fashion Theory - a revista da moda, corpo e cultura*. Edição Brasileira. Número 2, junho/2002. Berg/Editora Anhembi Morumbi. São Paulo, 2002.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Trad: Ana Lúcia Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Editora 34, Rio de Janeiro, 1992.
- GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Editora Vozes. Petrópolis, 1986.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *Corporificando o mundo: enredos e percalços de uma subjetividade à flor da pele* in CASTILHO, Kathia e GALVÃO, Diana. (organizadoras). *A moda do corpo e o corpo da moda*. Editora Esfera. São Paulo, 2002.